

**O proscrito satisfeito: as obras do exílio de Victor Hugo****Daniela Mantarro CALLIPO\***

**Resumo:** Apesar de ter apoiado a candidatura de Luís Napoleão nas eleições para presidente da República Francesa e ter ajudado a elegê-lo em 1848, Victor Hugo voltou-se contra o chefe da Nação após o golpe de Estado em dezembro de 1851. A oposição ao governo resultou num exílio que só terminou 19 anos depois, com a queda de Napoleão III. Victor Hugo produziu incansavelmente nesses anos todos: *Napoléon le Petit*, *Les Châtiments*, *Les Contemplations*, *Les Travailleurs de la Mer*, *Les Chansons des Rues et des Bois*, *La Légende des siècles*, *Les Misérables*, *William Shakespeare*, *Les Travailleurs de la Mer* e *L'Homme qui rit* são exemplos de um trabalho árduo e inspirado, que não esconde a tristeza do exílio. Este artigo pretende analisar os textos de Victor Hugo escritos durante ou após o decesso a fim de compreender de que maneira ele repercutiu em sua obra.

**Palavras-chave:** Victor Hugo. Exílio. Obras do exílio. Golpe de estado. Luís Napoleão.

**The satisfied proscribed: Victor Hugo's exile works**

**Abstract:** Although Victor Hugo supported the candidacy of Louis Napoléon in the elections for president of the French Republic and helped to elect him in 1848, Hugo turned against Bonaparte after the coup d'état in December of 1851. The opposition to the government resulted in an exile which only finished 19 years later, with the decay of Napoleón III. Victor Hugo produced nonstop for all these years: *Napoléon le Petit*, *Les Châtiments*, *Les Contemplations*, *Les Travailleurs de la Mer*, *Les Chansons des Rues et des Bois*, *La Légende des siècles*, *Les Misérables*, *William Shakespeare*, *Les Travailleurs de la Mer* e *L'Homme qui rit* are examples of an arduous and inspired work, but that doesn't hide the sadness of the exile. This article aims to analyze the texts that Victor Hugo wrote during or after his banishment in order to comprehend in which way it influenced his work.

**Keywords:** Victor Hugo. Exile. Literary works of exile. Coup d'état. Louis Napoleón.

---

\* Professora Doutora do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP - – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil.. E-mail: danielacallipo@gmail.com

Apesar de ter apoiado a candidatura de Luís Napoleão nas eleições para presidente da República Francesa e ter ajudado a elegê-lo em 1848, Victor Hugo voltou-se contra o chefe da Nação quando este deu um golpe de Estado em 2 de dezembro de 1851. Tinha se tornado impossível para o escritor permanecer em um país onde os direitos civis estavam sendo extirpados desde 1850: primeiramente, havia sido aprovada uma lei que concedia à Igreja o direito de abrir suas próprias escolas; logo em seguida, decretada a proibição de se realizarem reuniões consideradas “perigosas”. Por fim, exigida a tributação dos jornais e sua submissão aos censores: todos os artigos deveriam ser assinados e seriam presos aqueles que se manifestassem contrários ao governo de Luís Napoleão.

Em julho de 1851, o presidente francês tentou ampliar a duração de seu mandato, mas não conseguiu. Hugo fez um discurso de uma hora condenando a postura do chefe da nação e passou a chamá-lo de Napoléon le Petit. A partir desse momento, Victor Hugo resolve ficar do lado do povo e assim surge a ovelha negra dos conservadores, dos homens que representavam a ordem e constituíam a maioria política da França: o poeta se transforma no inimigo número um do governo francês (KAHN, 2001, p. 213).

Luís Napoleão sentiu-se insultado por causa da alcunha, mas como o escritor era deputado, não podia ser preso. A ira do presidente recaiu sobre Charles, filho de Hugo, que foi acusado de desacato por publicar um artigo em seu jornal *L'Evenement*, sobre a horrível execução de um caçador. Charles foi julgado e condenado a seis meses de prisão e o periódico teve suas portas fechadas.

Em 2 de dezembro de 1851, 16 deputados foram presos, a Assembleia nacional foi ocupada por tropas e as paredes de Paris foram cobertas com cartazes anunciando o estado de sítio. Para reprimir a revolta daqueles que eram contrários ao governo despótico que se instaurava, foram feitas mais de 27.000 detenções e 10.000 condenações, mas como não havia lugar nas celas para tanta gente, foram enviados presos para as colônias francesas na Guiana e na Argélia.<sup>1</sup>

O golpe de estado significou a derrota dos movimentos revolucionários e provocou a criação de um grupo de ativistas políticos *déracinés*: “[...] jornalistas sem jornais, oradores sem tribunas, políticos sem partidos e patriotas sem um país [...]” (PAYNE, 1963, p. 954-973). Segundo Canelas (2007, p. 55), milhares de proscritos buscaram asilo na Bélgica, na Espanha, na Inglaterra e até mesmo nos Estados Unidos, acreditando que a emigração era temporária e aquele erro histórico seria logo corrigido:

Não se retiraram da política e o exílio não abalava sua fé no futuro revolucionário. Além disso, o encontro no exílio de diferentes tendências políticas francesas, da época do movimento revolucionário de 1848 – e aquele que tentou permanecer na França até 1851 –, contribuiu para se

criar uma atmosfera fraternal entre republicanos de nacionalidades distintas, democratas, socialistas de diferentes tendências e comunistas.

A oposição de Victor Hugo ao governo foi feita de maneira agressiva, resultando num exílio – primeiramente voluntário e, em seguida determinado pelo imperador – que só terminou 19 anos depois, com a queda de Napoleão III. Victor Hugo produziu incansavelmente nesses anos todos, tendo como objetivo escrever textos que representassem a resistência republicana e estimulassem uma reflexão sobre o futuro: *Napoléon le Petit*, *Les Châtiments*, *Les Contemplations*, *Les Travailleurs de la Mer*, *La Légende des siècles*, *Les Misérables*, *Les Chansons des rues et des bois*, *William Shakespeare* são exemplos de um trabalho árduo e inspirado, mas que não esconde a tristeza do exílio, a incerteza do retorno. Segundo Guy Rosa<sup>2</sup> (2001, p. 3), costuma-se subestimar a profundidade dessas feridas e atribuir a amargura das queixas dos exilados ao exagero romântico da época; no entanto, segundo o crítico, o exílio era muito mais duro no século XIX, sem as facilidades de comunicação modernas: ser exilado era levar uma vida reduzida a ela mesma; ou seja, não ser nada. Apesar disso, Victor Hugo se mostra contente nos primeiros momentos de deportação: em janeiro de 1852, escreve à esposa Adèle e assina a carta como “o proscrito satisfeito” (HUGO, 1967, p. 258). Talvez ele pressentisse que, apesar de todas as dificuldades que iriam surgir e ele deveria enfrentar, sua vida tinha adquirido outro sentido e ele poderia realizar todos os projetos que acalentara durante tantos anos.

A primeira obra a ser publicada no exílio é *Napoléon le Petit*. Escrita em poucos dias e lançada em agosto de 1852, ela traça um retrato terrível do Imperador, em um estilo sarcástico que mostra como um governo despótico conduz, inevitavelmente, ao desastre.

Publicada em Bruxelas, onde Hugo buscou asilo ao deixar Paris, juntamente com 7.000 republicanos que fugiam das perseguições feitas na França, a obra causou impacto imediato: o escritor francês chama o golpe de estado de crime e os partidários do governo, de cúmplices. Hugo elenca os abusos cometidos por Luís Bonaparte a partir de 2 de dezembro:

[...] atentou contra o poder legislativo, prendeu seus representantes, destituiu a Assembleia, dissolveu o conselho de Estado, expulsou a alta corte de justiça, suprimiu as leis, tomou 25 milhões do banco, entupiu o exército de ouro, metralhou Paris, aterrorizou a França. (HUGO, 2013, p. 21, tradução nossa).<sup>3</sup>

O escritor afirma ainda, que Napoleão III deportou 10.000 democratas para a África e exilou 40.000 republicanos, manchando a história da França. Também fechou 20 jornais em

Paris, 80 nos outros departamentos franceses e com isso tirou o alimento de inúmeras famílias. Hugo acusa o imperador de atacar a civilização para chegar ao poder e buscar a vitória por meio de um egoísmo grosseiro, fruto de paixões brutais (HUGO, 2013, p. 66).

Na conclusão de *Napoléon le Petit*, Hugo descreve as dificuldades dos exilados, que preferem se manter em silêncio e apenas se queixar entre eles. Os proscritos se tornam irmãos, dividem o dinheiro, a força moral, as lembranças, as aspirações e juram o amor eterno pela França (HUGO, 2013, p. 268).

Victor Hugo era o morador mais ilustre e visitado de Bruxelas, mas as autoridades locais sabiam que sua presença poderia causar problemas políticos. Com a publicação de *Napoléon le Petit* membros da oposição conservadora exigiram sua expulsão da Bélgica. Hugo decidiu, então, deixar a casa onde havia morado por oito meses e partir para a ilha de Jersey, onde se instalou em um sobrado confortável em frente à praia, ao qual deu o nome de Marine Terrace. O poeta ali habitou durante três anos e resolveu de maneira muito simples um problema que aflige a todos os refugiados: aprender a língua falada no país que o acolheu. Ele simplesmente se recusou a se comunicar em inglês: “Quando a Inglaterra desejar conversar comigo, aprenderá a falar francês”. (HUGO apud STAPFER, 1905, p. 190).

Hugo logo principiou a redação de *Les Châtiments*, livro satírico que seria o equivalente em versos de *Napoléon le Petit*. Além de tecer duras críticas ao Imperador, o volume também retratava as agruras vividas por exilados que, muitas vezes, morriam longe de sua terra natal. Jean Bousquet foi um desses proscritos que adoeceu em Jersey e lá expirou em abril de 1853, aos 34 anos. Victor Hugo foi convidado para discursar em seu enterro e lembrou a saudade que o “soldado da democracia” sentia da França, saudade esta que o envenenava lentamente, devorando-o por causa das afeições deixadas em sua terra e nunca esquecidas. Três meses depois, Hugo foi ao enterro de outra proscrita, Louise Julien e também discursou diante de seu túmulo, afirmando que ela havia sido mais uma vítima da tirania de Bonaparte. Essas mortes podem ter levado Hugo a reflexões mais aprofundadas acerca do exílio: não há dúvida de que ele sofria por estar longe da pátria, mas era um homem rico, estava rodeado por sua família, seus amigos e admiradores iam visitá-lo com frequência e sua obra era lida e prestigiada. A maioria dos exilados que o cercava, além do *mal du pays*, afligia-se com todo tipo de carência: não tinha emprego, nem condições para sustentar sua família, nem perspectivas de futuro. Muitos, como Louise Julien, chegaram a um país estrangeiro sozinhos, sem conseguir se comunicar em outro idioma. Todas essas imagens estão presentes em *Les Châtiments*. No poema “Chanson”, por exemplo, o eu lírico lembra: “Não se pode viver sem pão;/ Também não se pode viver sem a pátria [...]”<sup>4</sup> (HUGO, 1998, p. 355).

Em “Chant de ceux qui s'en vont sur mer”, o adeus do desterrado marca o afastamento da terra natal e, ao mesmo tempo, a incerteza de seu destino: “Nossos olhos, que um luto futuro encobre/ Vão das vagas sombrias ao destino obscuro [...]” (HUGO, 1998, p. 222)<sup>5</sup>. A tristeza de deixar a França nas mãos de um déspota também é motivo de preocupação: “Adeus, pátria! Por ti meu coração reza. Adeus pátria,/Azul!” (HUGO, 1998, p. 222)<sup>6</sup>. A cor azul domina o poema, escrito no meio do oceano: por um lado, ela remete à bandeira tricolor da França e ao brasão de Paris, deixados para trás; por outro lado, é uma metonímia do mar que os proscritos atravessam para chegar a um novo país, onde o futuro é incerto.

No poema “Puisque le juste est dans l'abîme” o eu lírico proclama: “Eu te amo exílio! dor, eu te amo!”<sup>7</sup> (HUGO, 1998, p. 100). Para Hugo, foi possível encontrar na infelicidade da deportação, a dignidade, a fé e a devoção. Se, no início do degredo, se julgava isolado do mundo, ele começa a ouvir, sentado em um rochedo de Jersey, o lamento eterno, sem trégua, das mães que choram os filhos mortos. Por todos os banidos, ele deverá lutar.

O principal alvo de *Les Châtiments*, todavia, era o imperador da França. Segundo o poeta, “Louis Bonaparte só havia sido ‘cozido’ de um lado. Era hora de ‘virá-lo na grelha’”. (HERTEZEL apud ROBB, 2000, p. 311). A publicação do volume trouxe sérios problemas para Victor Hugo: ele se tornou o centro da ação contra o governo despótico bonapartista e, além disso, começou a se intrometer nos assuntos britânicos, sobretudo no que se referia à pena de morte, que considerava bárbara e absurda. A polícia de Jersey começou a vigiá-lo, buscando um pretexto para justificar sua expulsão da ilha, o que ocorreu em 22 de setembro de 1855, quando exilados franceses que moravam em Londres publicaram uma carta grosseira e obscena à rainha da Inglaterra. Hugo não gostou da missiva, mas manifestou sua solidariedade aos exilados. Foi o bastante para que fosse expulso de Jersey, apesar das manifestações contrárias em vários pontos da Grã-Bretanha.

Em 31 de outubro de 1855, Hugo embarcou para Guernesey, sendo recebido por uma multidão. Em maio, sentindo-se bem acolhido e na incerteza de um retorno à França, o poeta comprou uma casa que batizou de Hauteville House, o que demonstra não estar passando por dificuldades pecuniárias em seu exílio. A casa se tornou um refúgio onde habitaria pelos 15 anos seguintes e encontraria paz e tranquilidade. O entusiasmo dos primeiros anos, entretanto, deu lugar a uma tristeza que não o abandonava, tinha a sensação de não estar “em casa”, sensação esta experimentada por todos os exilados (HALL, 2003, p. 27). Segundo Hugo, a deportação não era uma coisa material e sim moral e mesmo que o proscrito estivesse cercado de beleza, como era o caso em Guernesey, ele não conseguia apreciar a paisagem que o rodeava, pois o exílio seria “[...] o país onde tudo está invertido, inabitável, demolido e moribundo, um lugar de castigo [...]”, não existindo,

portanto, um “[...]belo degredo.” (HUGO, 2008, p. 7, tradução nossa)<sup>8</sup>. A comparação entre o presente e o passado era inevitável, assim como a certeza de que o proscrito não pode admirar a natureza que o cerca, cujo encanto é sempre inferior àquele presente em seu país e em sua lembrança. O exílio aqui, portanto, é uma « [...] fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada.” (SAID, 2003, p. 57). O proscrito se sente arrancado de seu solo, mutilado, sem identidade.

Em 1856, Hugo publica *Les Contemplations*, obra em que se volta para dentro de si mesmo e procura resgatar 25 anos de sua própria história. No poema “Au fils d’un poète”, o eu lírico afirma não saber para onde vai, pois o exílio se abre de todas as partes e o exilado não é nem sequer um hóspede, mas uma visão: ele entra, senta-se, depois se levanta, pega seu bastão e parte. Ele não tem repouso, está sempre caminhando: “Sua alma aos choques acostumada/ Atravessava o ruído e a tempestade./ De onde saía? Da nuvem./Onde se afundava? Na noite.” (HUGO, 1995, p. 223, tradução nossa)<sup>9</sup>. No poema “IBO”, o eu lírico reafirma não temer o mal e caminhar sempre em direção à justiça e à liberdade: “Eu não tenho medo da nuvem/ Eu sou pássaro.”<sup>10</sup> (HUGO, 1995, p. 279, tradução nossa). O poeta revela estar acostumado com o abismo, mas ter asas preparadas para a tempestade: “Eu sou aquele que nada detém,/ Aquele que vai,/ Aquele cuja alma está sempre pronta.” (HUGO, 1995, p. 281).<sup>11</sup> A indignação e a esperança não abandonam o proscrito.

Em 1859, Hugo publica a primeira série de *La Légende des Siècles*, obra considerada a grande epopeia francesa. Os poemas que constituem o volume pertencem aos gêneros lírico, épico e satírico e buscam descrever os períodos mais importantes do gênero humano, de Eva à Revolução. Embora não trate do exílio, nem dos problemas que afligem os proscritos, a dedicatória indica a saudade do poeta de sua terra natal: “Livro, que um vento te leve à França, onde nasci! A árvore desenraizada dá sua folha morta.” (HUGO, 1985, p. 190, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Na apresentação do volume, Hugo demonstra otimismo em relação ao destino do ser humano: ele acredita que o homem sairá das trevas e caminhará em direção ao ideal, pois vislumbra a eclosão lenta e suprema da liberdade, do compromisso em relação ao outro e do direito à vida (HUGO, 1985, p. 194). É possível observar que, malgrado o exílio, Hugo acredita no progresso espiritual da humanidade. Para que ele aconteça, entretanto, os povos precisam sair de sua letargia e reagir.

Em 3 de abril de 1862, Hugo publica *Les Misérables*. O romance é lançado simultaneamente em Leipzig, Bruxelas, Budapeste, Milão, Roterdã, Varsóvia, Rio de Janeiro e Paris, o que revela ter entrado em ação “[...] uma das maiores operações na história editorial, diretamente inspirada pelo próprio Hugo.” (ROBB, 2000, p. 362). O livro causou

grande impacto na imprensa e conheceu um imenso sucesso popular: milhares de exemplares eram vendidos no mundo todo diariamente, fazendo dessa obra a mais conhecida de Victor Hugo e uma das mais importantes do século XIX. Interessa aqui o prólogo do primeiro volume: nele, Hugo apresenta as razões que o levaram a compor o livro, como a condição social dos pobres na França do século XIX e as causas dessa situação que ele quer denunciar:

Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscricção social, forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos, e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino; enquanto os três problemas do século - a degradação do homem pelo proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança pela ignorância - não forem resolvidos; enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social; em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda, enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria, livros como este não serão inúteis. (HUGO, 2014, p. 8)<sup>13</sup>.

O prólogo anuncia o problema central do romance: o sofrimento, que deveria ser uma punição imposta aos pecadores por Deus após a morte, é impingido durante a vida, numa época que se proclama civilizada, mas não permite aos seres humanos viver de acordo com os valores de progresso e justiça. O homem se sobrepõe a Deus, tomando para si uma responsabilidade que não lhe pertence.

Hugo denuncia aqueles que considera os três principais problemas do século: em primeiro lugar, aponta a degradação do homem pelo proletariado, categoria social que nada possuía a não ser sua força de trabalho e era explorada pelos homens ricos. Jean Valjean será o representante dessa classe que vive extenuada por causa do labor incessante e mal remunerado. Ele será preso por ter roubado um pedaço de pão e passa 19 anos encarcerado, chegando à conclusão de que o crime que havia cometido, embora não fosse justificável, era menor do que aquele cometido por uma sociedade exploradora e insensível.

O escritor também trata da prostituição da mulher causada pela fome: no romance, o assunto será discutido por meio de Fantine, personagem abandonada pelo amante, que vende seus cabelos, seus dentes e, finalmente, seu corpo, para sustentar a filha. Hugo denuncia a indiferença da sociedade que “compra” uma escrava da miséria, da fome, do frio, do abandono e critica a postura dos homens ricos que tiram proveito da pobreza da mulher para explorá-la.

Finalmente, a “atrofia da criança pela ignorância”<sup>14</sup> se refere à impossibilidade do desenvolvimento pleno por causa da fome, da falta de estudo, de saúde, de uma família estruturada. Cosette e Gavroche são algumas das crianças desamparadas do romance: a menina terá a sorte de ser adotada por Jean Valjean e se desenvolverá de maneira

completa, sadia, plena; já o pequeno revolucionário será morto em frente a uma barricada, enquanto cantava desafiando os atiradores.

Antes do exílio, Hugo já defendia que a arte deveria ser útil e moralizadora, mas após a deportação, ele está convicto de sua missão e de sua responsabilidade social. Com *Les Misérables*, o escritor passa a defender as causas que considera primordiais: a instrução pública, laica, gratuita e obrigatória, a abolição da pena de morte, a liberdade da imprensa, o fim da miséria, das guerras e das fronteiras entre os países.

Em 1864, Hugo publica *William Shakespeare*, obra que analisa a vida e a obra do dramaturgo inglês. Ela é dedicada à Inglaterra, país livre e ilustre que o poeta admira, asilo que ele ama (HUGO, 1973, p. 27). No primeiro capítulo do Livro Primeiro, Hugo conta de que maneira surgiu a ideia de estudar o autor de *Romeu e Julieta*: ao chegarem em Jersey, ele e o filho François-Victor contemplavam o mar em silêncio, até que o rapaz lhe perguntou o que pensava daquele exílio: “Que ele será longo”, respondeu. O filho indagou, então, de que forma ele pensava ocupar seu tempo. “Eu contemplarei o Oceano”. Após um silêncio, questionou: “E você?”. François-Victor respondeu: “Eu traduzirei Shakespeare”. (HUGO, 1973, p. 38). *William Shakespeare* foi, inicialmente, projetado para ser um prefácio à tradução que François-Victor faria da obra shakespeariana, mas acabou se tornando um grande ensaio a respeito de questões ligadas à arte, descrevendo um passado humanístico ao qual o dramaturgo inglês teria dado continuidade.

Hugo retoma sua crença em uma arte que seja útil, manifestando-se contrário à *arte pela arte*, expressão que, aliás, afirma ser de sua autoria (HUGO, 1973, p. 262). Ele prega um fim utilitário para a arte, estimando que ela deve ser propagadora de ensinamentos moralizantes. Apesar de não se referir explicitamente a Luís Napoleão, *William Shakespeare* traça um panorama da literatura em que Hugo ocupa um lugar central, como poeta da História e poeta da Ação, o que lhe confere uma dimensão particular e superior a todo governo despótico.

Em 1865, Hugo publica *Les Chansons des rues et des bois*, livro de poemas que contrasta com a grandiosidade de *La Légende des Siècles*. Nas canções – gênero considerado menor – o poeta utiliza formas curtas e dá voz a personagens da tradição popular. O eu lírico se apaga para que seja ouvido o povo: “[...] a imagem do grande poeta é substituída por aquela do ingênuo; a do Profeta por aquela do narrador de provérbios. O discurso do ‘eu’ torna-se discurso da ‘gente.’” (CHARLES-WURTZ & CHARLES, 2000, p. 16).<sup>15</sup>

*Les chanson des rues et des bois* trouxe 78 poemas que, como o próprio título indicava, eram canções de versos curtos e ritmados, versos de seis, sete ou oito sílabas que celebravam o amor, a natureza, a alegria. Para os críticos mais severos, esses poemas

hugoanos não podiam ser chamados de canções, porque não respeitavam as exigências formais desse tipo de composição. Em “Le poète est un riche”, por exemplo, a ausência de refrão não impede o poema de possuir ritmo e musicalidade: “O poeta é proprietário/ Dos raios, dos perfumes, das vozes;/ É a este sonhador solitário/ Que pertence o eco nos bosques.” (HUGO, 1982, p. 312)<sup>16</sup>.

Os críticos já deviam saber, a essa altura, que Hugo não obedecia às exigências formais ditadas pelos estudiosos. Chamam-se canções, porque são leves, populares, ritmadas. Hugo desejava ser lido pelo povo, a quem só eram destinadas as obras de Béranger, compositor cuja obra qualificava como medíocre.

Em 1866, Victor Hugo publica *Les Travailleurs de la Mer*. O tema explorado é da promessa feita àquele que parte, a expectativa do retorno, a decepção do amor não correspondido e a decisão trágica do suicídio.

O protagonista do romance é Gilliatt, capitão de navio que se empenha em resgatar o motor do barco de Mess Lethierry dos rochedos da Mancha por amor a Déruchette, pois a moça prometera casar-se com quem fosse capaz de exercer tal façanha. Ele parte disposto a enfrentar todo tipo de desafio, quase morre ao lutar com um polvo gigante e, após um esforço sobre-humano, consegue recuperar a máquina. Ao devolvê-la, seu único pensamento é a noiva prometida. O marinheiro vai ao encontro dela, mas sua felicidade dura pouco: ele a surpreende conversando com Ebenezer e descobre que os dois se amam. Decide não cobrar a promessa e renunciar ao casamento. No dia das bodas dos jovens, afoga-se no mar.

A dedicatória do romance é feita a Guernesey: “Dedico este livro ao rochedo de hospitalidade e de liberdade, a este canto da velha Normandia onde vive o nobre e pequeno povo do mar, à ilha de Guernesey, severa e branda, meu atual asilo, meu provável túmulo”. (HUGO, 2002, p. 5)<sup>17</sup>. Pode-se observar que, nesse momento, Hugo já não tem esperanças de voltar à França. É preciso lembrar que ele já está com 64 anos e a expectativa de vida no século XIX era de 40 anos!<sup>18</sup>

No prólogo de *Les Travailleurs de la Mer*, Hugo descreve quais são as lutas do homem: a religião, a sociedade e a natureza, que seriam, ao mesmo tempo, suas maiores necessidades, pois ele precisa crer, criar e viver. Por essa razão, teria inventado o tempo, a cidade, a charrua e o navio; no entanto, essas três soluções seriam a causa das guerras, pois o homem precisa lutar contra a superstição, o preconceito e o elemento:

Tríplice ananke pesa sobre nós, o ananke dos dogmas, o ananke das leis, o ananke das coisas. Na Notre-Dame de Paris, o autor denunciou o primeiro; nos Miseráveis, mostrou o segundo; neste livro indica o terceiro. A estas

três fatalidades que envolvem o homem, junta-se a fatalidade interior, o ananke supremo, o coração humano. (HUGO, 2002, p. 6)<sup>19</sup>

O romance aborda a força do trabalho e sua renovação. Gilliat é um marinheiro que vive recluso, é temido e detestado pelos moradores da cidade que o consideram filho do diabo. Quando, porém, decide salvar a máquina de Mess Lethierry, demonstra sua coragem, habilidade e destreza, não desistindo de alcançar seu objetivo. Ao descobrir que Déruchette não o ama, sacrifica-se para que ela seja feliz, renunciando ao casamento e à vida.

A obra, repleta de alegorias, não foi compreendida pela crítica da época, que se aborreceu com o vocabulário técnico, os erros em inglês e as numerosas páginas de digressão. Hugo foi acusado de “[...] encher páginas de sinônimos para aumentar os honorários [...]”, mas a verdade é que ele recusara uma oferta de meio milhão de francos para publicar o romance no jornal *Le Siècle*, porque não o considerava adequado para um folhetim (ROBB, 2000, p. 398). Atualmente, o romance é considerado como uma das melhores narrativas da história do romance (BROMBERT, 1984).

Em 1869, Victor Hugo publica *L’Homme qui rit*, romance em que o autor retoma o conceito do belo e do grotesco. Gwynplaine é o protagonista da trama: filho de um nobre, foi sequestrado ainda pequeno e vendido a um grupo de ciganos, os *Comprachicos*, nômades que compravam crianças, deformavam-nas com cirurgias e ácidos e as expunham em público para ganhar dinheiro. Gwynplaine tem o rosto destruído e a boca esticada a ponto de formar um sorriso que não pode ser desfeito. Após um decreto proibindo tal prática, o grupo abandona o menino, que parte em busca de abrigo e alimento. No caminho, encontra Dea, uma garotinha cega, que estava nos braços da mãe já falecida, por causa do gelo que as envolvia. As duas crianças são acolhidas pelo misantropo Ursus e passam a viver com ele, trabalhando juntos em um espetáculo teatral, de que Gwynplaine é a atração principal, por causa de sua deformidade. O monstro, entretanto, é apenas exterior: o menino é generoso, honesto e, ao crescer, descobre ser filho natural de *lord* Clancharlie e, portanto, seu herdeiro legítimo. Ao perceber, todavia, que não é levado a sério por causa do sorriso eterno que traz no rosto, Gwynplaine volta a procurar seu protetor, Ursus e sua amada Dea que, embora cega, é a única que pode enxergar a beleza da alma do rapaz. A moça tem a saúde frágil e morre ao revê-lo. Não suportando a existência sem a jovem, Gwynplaine atira-se ao mar e suicida-se.

Mais uma vez, Hugo constrói uma personagem cuja aparência contrasta com seu interior; mas a dualidade não se manifesta apenas em relação ao aspecto externo e interno, ela se constitui como elemento estratégico, ao provocar o conflito psicológico das personagens e discutir a problemática da representação da vivência interior. Ao conhecer a

sedutora duquesa Josiane, por exemplo, Gwynplaine sente-se atraído por ela e, ao mesmo tempo, deseja manter-se fiel a Dea. O narrador assim resume sua indecisão:

Gwynplaine amava essa mulher? O homem, como o globo, tem dois polos? Somos nós, sobre nosso eixo inflexível, a esfera que gira, astro de longe e lama de perto, onde alternam o dia e a noite? O coração tem dois lados, um que ama na luz, outro que ama nas trevas? (HUGO, 1992, p. 220, tradução nossa)<sup>20</sup>.

A morte representará para Gwynplaine, a possibilidade de reencontrar Dea num outro plano, mas também a libertação de seus males e conflitos.

*L'Homme qui rit* é o último romance que Victor Hugo escreve no exílio. Em 1870, Napoleão III é deposto, após a derrota da França na Batalha de Sedan e o escritor francês volta à terra natal, depois de 19 anos de exílio.

Apesar de ter sido publicada por Victor Hugo em 1875, cinco anos após o retorno de Hugo à França, a coletânea de discursos, declarações políticas e reflexões *Actes et Paroles* merece ser lembrada. Embora muitos discursos tenham sido modificados por Hugo na publicação dessa obra, ela representa um importante documento para se compreender de que maneira o escritor francês vivenciou o exílio.

A coletânea possui três volumes: “Antes do exílio”, “Durante o exílio” e “Depois do exílio”. No primeiro volume<sup>21</sup>, Hugo explica a intenção de publicar as lembranças de sua vida: ele quer contar a história das “revoluções interiores de uma consciência honesta” (HUGO, 1875, vol. 1, p. 11), refazendo o itinerário do seu próprio caminho de Damasco.

Hugo revela não querer se vingar do imperador Luís Napoleão, apesar do golpe de estado e do governo despótico que havia provocado a infelicidade de tantas famílias francesas. Ao contrário, sugere a reconciliação e afirma que é tempo de restituir os maridos às mulheres, os trabalhadores às fábricas, as famílias aos lares, perdendo os vencidos, renunciando à cólera, pois “[...] aquele que mata seu inimigo faz viver o ódio.” (HUGO, 1875, p. 12).

O escritor relembra o momento em que começou a mudar de opinião a respeito do governo de Napoleão III: em 1849, começaram as lutas “trágicas” em que o futuro atacava e o passado resistia. Todas as questões se lhe apresentaram ao mesmo tempo, a independência nacional, a liberdade de cada indivíduo, a liberdade da consciência, do pensamento, da palavra, da tribuna e da imprensa. Era necessário, igualmente, discutir a questão do casamento para a mulher, da educação para a criança, o direito ao trabalho, à pátria, à vida, abolindo a pena de morte, reformando o código penal, investindo na educação. Hugo se manifesta favorável à separação entre a igreja e o estado, à diminuição dos impostos e à extinção das fronteiras. Para ele, não era possível haver ainda entraves ao

progresso e as ideias deveriam poder circular na civilização, como o sangue no corpo do homem.

No segundo volume<sup>22</sup>, a introdução intitulada, “Ce que c’est que l’exil” traz elementos importantes para se entender como Hugo compreendia o exilado:

[...] um homem de tal forma arruinado, que nada mais possui a não ser a sua honra, de tal forma destituído, que nada mais possui a não ser sua consciência; de tal forma isolado, que nada mais tem junto a si, a não ser a equidade; de tal forma renegado, que nada mais tem consigo a não ser a verdade; de tal forma jogado às trevas, que nada mais lhe resta, a não ser o sol, eis o que é um proscrito<sup>23</sup>. (HUGO, 1875, p. 5, tradução nossa).

É interessante observar que Hugo dedica um capítulo de “Durante o exílio” às questões financeiras que preocupam aqueles que são banidos de suas terras e perdem suas casas, seus empregos, seus pertences. O escritor comenta ter ficado sem suas fontes de renda: seu teatro, que rendia 60.000 francos de renda por ano, foi fechado e a venda de seus livros foi proibida na França. Seus primeiros editores belgas teriam feito a impressão de todos os seus livros sem pagar os direitos autorais devidos. Hugo pagou a impressão de *Les Châtiments* que custou 2.500 francos e nunca foi reembolsado pelo editor. Segundo o poeta, o produto total de todas as edições desse livro foi confiscado pelos editores estrangeiros durante 18 anos (HUGO, 1875, p. 35). Hugo se queixa da “hospitalidade inglesa”, afirmando que editoras britânicas reimprimiam seus livros e os vendiam com a pressa mais cordial, “esquecendo” de pagar os direitos autorais. O mesmo ocorria com suas peças: *Ruy Blas* teria sido encenada mais de 200 vezes na Inglaterra e Hugo não recebera um centavo pelas apresentações (HUGO, 1875, p. 37).

Antes de deixar a França, conseguira vender seus móveis e arrecadar 13.000 francos. Ele havia ainda guardado 7.500 francos, mas se indagava se a quantia seria suficiente para sustentar as nove pessoas que o acompanhavam: era necessário prover as viagens, as mudanças que se sucediam, os movimentos de um grupo do qual ele era o centro (HUGO, 1875, p. 47), afinal, um proscrito não tem raízes. Era preciso conservar a dignidade da vida e evitar o sofrimento de seus familiares.

No último volume, intitulado “Depuis l’exil”<sup>24</sup>, Hugo afirma que a obra *Actes et Paroles* pertence ao imperador Napoleão III, uma vez que coube a ele dividir a vida do escritor em três períodos diferentes. No final desse volume, encontra-se uma homenagem aos filhos mortos intitulada “Mes Fils”: Charles havia falecido em 13 de março de 1871 em Bordeaux, aos 44 anos, por causa de um ataque cardíaco e uma profunda hemorragia – consequência da obesidade – e François-Victor morrera em dezembro de 1873, de tuberculose renal

(ROBB, 2000). Hugo também homenageia a filha Adèle, internada em um hospício em Saint-Mandé, em fevereiro de 1871, fato que o abalou profundamente.

Essa homenagem desencadeia reflexões a respeito da deportação da família. O escritor relembra a vida com os filhos, os momentos felizes que passaram juntos, mas também evoca o tempo do exílio, em que a família se uniu e deixou a França, partindo para o desconhecido. Hugo rememora o dia da partida:

Ele parte. Ele se afasta em uma noite de inverno. A chuva, o vento, a neve, boa aprendizagem para uma alma, por causa da semelhança, do inverno com o exílio. O olhar frio do estrangeiro é utilmente acrescido ao céu sombrio: isso endurece o coração para a dura prova. Esse pai caminha, ao acaso, tendo diante de si uma praia deserta, à beira do mar. No momento em que ele deixa a França, seus filhos deixam a prisão, coincidência feliz, de modo que eles podem segui-lo; ele havia partilhado de sua cela, eles partilham de sua solidão. (HUGO, 1875, p. 662, tradução nossa).

Diante da incerteza que se apresenta em relação ao destino da família, o que fazer? Cumprir o seu dever, segundo Hugo. Um dever que se caracteriza pela persistência: “[...] servir a pátria, amá-la, glorificá-la, defendê-la, viver para ela e longe dela.” (HUGO, 1875, p. 663). Servir a pátria seria a primeira parte de seu dever; servir a humanidade, a segunda.

A vida longe da terra natal não é fácil: há momentos em que o fardo se torna muito pesado, a angústia insuportável: “[...] as mulheres se escondem para chorar, os homens para sangrar.” (HUGO, 1875, p. 665). Hugo sabe que seus filhos sofrem, mas eles não reclamam, preferem falar da pátria, da França adorada, tendo a certeza de que o sacrifício imposto naquele momento será recompensado com a alegria de revê-la um dia.

Hugo comenta ter sido expulso, banido, proscrito de países diferentes. Todas as vezes, entretanto, ele sorriu ao pensar que a França continuava em seu lugar, grande, bela, adorada. Havia um véu entre ele e sua terra natal, mas esse véu seria rasgado um dia e ela ressurgiria em sua glória, poderosa e livre (HUGO, 1875, p. 671).

Além de poemas, romances e discursos repletos de pensamentos relacionados ao exílio, Victor Hugo também escreveu um diário denominado *Choses vues*, publicado postumamente em 1887. Nele, é possível encontrar reflexões acerca de política e literatura, mas também a respeito do período em que ficou exilado, o que interessa abordar aqui.

Em 12 de janeiro de 1852, Hugo escreve: “Eis-me banido” (HUGO, 1972, p. 276). Ele afirma estar em paz com sua consciência e espera que o povo acorde, para que cada um vá para seu devido lugar: ele, para sua casa e Luís Napoleão para o pelourinho. No início do exílio, como já mencionado, o escritor se mostra entusiasmado:

Eu amo a proscricção, amo o exílio, amo meu cantinho na Grande Place, amo a pobreza, amo a adversidade, amo tudo o que estou sofrendo pela liberdade, pela pátria e pelo direito; tenho a consciência tranquila, mas é sempre doloroso ter de andar por uma terra estrangeira. (HUGO, 1972, p. 277, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Em dezembro de 1853, Hugo comenta as atrocidades cometidas por Napoleão III, que condenou à pena de morte todo aquele contrário ao seu governo e afirma também estar correndo o risco de ser guilhotinado, uma vez que sempre se manifestara publicamente contra o imperador déspota. O entusiasmo que sentira no começo do degredo dá lugar à tristeza: o poeta confessa estar se sentindo cada vez mais isolado, solitário, esquecido por todos os que o amaram, como se o mundo lhe tivesse virado as costas (HUGO, 1972, p. 331). Em fevereiro de 1854, insurge-se contra os enforcamentos, os massacres e a falta de liberdade do povo francês. Pede a renúncia de Luís Napoleão, que ele chama de carrasco e incita os cidadãos parisienses a fazer um motim contra a pena de morte. No final do mesmo ano, Hugo manifesta sua indignação com o embrutecimento de uma parte do povo que se acomodou ao despotismo de Bonaparte e já não protesta contra seu governo. Por essa razão, o escritor afirma que o exílio tem seu lado positivo, pois ele se tornou capaz de enxergar de forma precisa a realidade, os fatos, a história e os mecanismos da providência. Ele se sente um eleito por Deus para servir de ponte entre a sabedoria divina e as necessidades dos povos.

O ano de 1855 começa com muita inspiração e vontade de escrever: “Pena que eu não tenha sido exilado mais cedo, eu teria feito muitas coisas que tenho pouco tempo para realizar agora.” (HUGO, 1972, p. 349, tradução nossa).<sup>26</sup>

Em 1859, Napoleão III concede uma anistia a todos os exilados políticos, mas Victor Hugo se recusa a voltar para a França: “Fiel ao compromisso ao qual dei minha consciência, partilharei até o fim o exílio da liberdade. Quando ela voltar, também o farei.” (HUGO apud ROBB, 2000, p. 357). Na verdade, a anistia era uma armadilha para que os degredados que retornassem se submetessem à tirania bonapartista. De toda a forma, foi graças a ela que a obra de Hugo pôde ser publicada novamente na França. Em agosto desse mesmo ano, Hugo afirma que o maior equívoco de Napoleão foi imaginar que ele degredou os homens contrários a seu governo; segundo o poeta francês, ele havia degredado o direito, a justiça, a liberdade. Ele condenara ao ostracismo as ideias, a razão, o progresso, a luz e a verdadeira França. O escritor declara que só voltará à terra natal, no dia em que todos esses elementos expulsos voltarem também.

A partir de 1860, Hugo realizará uma série de viagens pelo mundo e a esperança de retornar à França diminui a cada ano: em agosto de 1868, ao acompanhar o féretro de sua

falecida esposa Adèle até a fronteira com a França, Hugo diz que um carro fúnebre era a única maneira de voltar a seu país.

Em 1870, Victor Hugo completou 19 anos de exílio e Napoleão III, 22 anos de governo; de início, como presidente da II República Francesa (1848-1852) e, em seguida, como imperador dos franceses (1852-1870). Em Hauteville House, o poeta acompanhava pelos jornais as notícias da terrível guerra entre França e Prússia. Esperava-se a derrota do inimigo a qualquer momento. Victor Hugo, embora denunciasse os horrores cometidos nas batalhas que se seguiam, acreditava na vitória da França e ansiava por ela; arrumou as malas, aguardando o momento mais propício para voltar a seu país e colocar-se à sua disposição. O resultado da beligerância, porém, foi inesperado: a Prússia conquistou a Alsácia e a Lorena, os suprimentos ficaram encalhados a longa distância da linha da frente de batalha. Em agosto, a família Hugo deixou Hauteville-Hause e dirigiu-se para Bruxelas. O exército francês perdia forças. Finalmente, 18 anos após o golpe de estado, Napoleão III capitulou em Sedan, onde foi cercado em 2 de setembro. Dois dias depois, Victor Hugo recebeu o esperado telegrama do amigo Paul Meurice: “Amenez immédiatement les enfants”, que significava: “volte para Paris”. Ele o fez no dia 5 de setembro, chegando às nove horas e trinta e cinco minutos. Hugo é recebido por uma multidão que o acompanha e aplaude com entusiasmo: “Acolhida indescritível” diz ele em seu diário (HUGO, 1972, p. 554). O poeta discursou quatro vezes, apertou as mãos de seus concidadãos, foi acompanhado por soldados do exército francês, emocionou-se, chorou e disse: “Vocês estão me pagando em uma hora, vinte anos de exílio.” (HUGO, 1972, p. 554).<sup>27</sup>

Para muitos exilados, o golpe de estado na França levou a um tempo de sacrifício, de sofrimento, de duras provas. Para Victor Hugo, no entanto, o exílio foi um período de crescimento (ROSA, 2001, p. 1) <sup>28</sup>. Ele não só se sentia satisfeito por ter cumprido um dever e tranquilo com sua consciência, mas também estava fervendo de indignação, exaltado por causa de um combate ao qual se apresentaria com duas únicas armas: a palavra e a escrita. Ao se exilar como forma de protesto contra o governo despótico de Luís Napoleão, Hugo se tornou um guia para os outros proscritos e renasceu para a Literatura, compondo as suas melhores obras. Se antes da deportação, ele sonhava com uma obra que pudesse expressar seu ideal de arte, durante o exílio, Hugo não só a realiza, como também pode desfrutar de seu êxito.

**Recebido em: 09/03/2017**

**Aprovado em: 22/03/2017**

NOTAS

<sup>1</sup> Consultar, a esse respeito, a *Revue d'histoire du XIXe siècle* – Autour de Décembre 1851, n. 22, 2001. Pode ser acessada desde 27 jun. 2005 na URL: <<http://rh19.revues.org/document255.html>>.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://groupugo.div.jussieu.fr/Groupugo/01-10-20rosa.htm>>. Acesso em 02 mar. 2017.

<sup>3</sup> No original: “[...] attenté au pouvoir législatif, arrêté les représentants, chassé l'Assemblée, dissous le conseil d'État, expulsé la haute cour de justice, supprimé les lois, pris vingt-cinq millions à la Banque, gorgé l'armée d'or, mitraillé Paris, terrorisé la France.” (HUGO, 2013, p. 21).

<sup>4</sup> No original: “On ne peut pas vivre sans pain;/ On ne peut pas non plus vivre sans la patrie. (HUGO, 1998, p. 355).

<sup>5</sup> No original: “Notre oeil, que voile un deuil futur,/ Va du flot sombre au sort obscur” (HUGO, 1998, p. 222).

<sup>6</sup> No original: “Adieu patrie!/ Pour toi mon coeur prie. Adieu, patrie,/ Azur!” (HUGO, 1998, p. 222).

<sup>7</sup> No original: “Je t'aime exil! douleur, je t'aime!” (HUGO, 1998, p. 100).

<sup>8</sup> No original: “[...] il n'y a pas de bel exil” (HUGO, 2008, p. 7).

<sup>9</sup> No original: “Son âme aux chocs habituée/Traversait l'orage et le bruit./ D'où sortait-il? De la nuée./ Où s'enfonçait-il? Dans la nuit.” (HUGO, 1995, p. 223).

<sup>10</sup> No original; “Je n'ai pas peur de la nuée/ Je suis oiseau” (HUGO, 1995, p. 279)

<sup>11</sup> No original: “Je suis celui que rien n'arrête,/ Celui qui va, / Celui dont l'âme est toujours prête” (HUGO, 1995, p. 281).

<sup>12</sup> No original, lê-se: “Livre, qu'un vent t'emporte/ En France où je suis né!/ L'arbre déraciné/Donne sa feuille morte” (HUGO, 1985, p. 190).

<sup>13</sup> No original: “Tant qu'il existera, par le fait des lois et des mœurs, une damnation sociale créant artificiellement, en pleine civilisation, des enfers, et compliquant d'une fatalité humaine la destinée qui est divine; tant que les trois problèmes du siècle, la dégradation de l'homme par le prolétariat, la déchéance de la femme par la faim, l'atrophie de l'enfant par la nuit, ne seront pas résolus; tant que, dans de certaines régions, l'asphyxie sociale sera possible; en d'autres termes, et à un point de vue plus étendu encore, tant qu'il y aura sur la terre ignorance et misère, des livres de la nature de celui-ci pourront ne pas être inutiles.” (HUGO, 1967, p. 22).

<sup>14</sup> No original está “atrophie de l'enfant par la nuit”: a imagem da noite remete ao medo, à ignorância, à doença e à obscuridade. A criança precisa de “luz” para se desenvolver, como uma planta. Luz, aqui, no sentido de amor, instrução.

<sup>15</sup> No original: “[...] la figure du grand poète est remplacée par celle du benêt ; celle du Prophète, par celle du diseur de proverbes. Le discours du ‘moi’ devient discours du ‘on.’” (WURTZ & CHARLES, 2000, p. 16).

<sup>16</sup> No original: “Le poète est propriétaire/ Des rayons, des parfums, des voix;/ C'est à ce songeur solitaire/ Qu'appartient l'écho dans les bois.” (HUGO, 1982, p. 312).

<sup>17</sup> No original: “Je dédie ce livre au rocher d'hospitalité et de liberté, à ce coin de vieille terre normande où vit le noble petit peuple de la mer, à l'île de Guernesey, sévère et douce, mon asile actuel, mon tombeau probable.” (HUGO, 2002, p. 5)

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://www.ined.fr/fr/tout-savoir-population/graphiques-cartes/graphiques-interpretes/esperance-vie-france/>> Acesso em: 07 mar. 2017.

<sup>19</sup> No original: “Un triple ananké pèse sur nous, l'ananké des dogmes, l'ananké des lois, l'ananké des choses. Dans Notre-Dame de Paris, l'auteur a dénoncé le premier ; dans les Misérables, il a signalé le second ; dans ce livre, il indique le troisième. À ces trois fatalités qui enveloppent l'homme se mêle la fatalité intérieure, l'ananké suprême, le cœur humain.” (HUGO, 2002, p.6 ).

<sup>20</sup> No original: Est-ce que Gwynplaine aimait cette femme? Est-ce que l'homme a, comme le globe, deux pôles? Sommes-nous, sur notre axe inflexible, la sphère tournante, astre de loin, boue de près, où alternent le jour et la nuit? Le coeur a deux côtés, l'un qui aime dans la lumière, l'autre qui aime dans les ténèbres? (HUGO, 1992, p. 220).

<sup>21</sup> Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6410209v.r=Actes%20et%20paroles%20victor%20hugo?rk=42918;4>. Acesso em 23/02/2017.

<sup>22</sup> Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6434744t.r=Actes%20et%20paroles%20victor%20hugo?rk=64378;0>. Acesso em 25/02/2017.

<sup>23</sup> No original, lê-se: “Un homme tellement ruiné qu'il n'a plus que son honneur, tellement dépouillé qu'il n'a plus que sa conscience, tellement isolé qu'il n'a plus près de lui que l'équité, tellement renié

qu'il n'a plus avec lui. que la vérité, tellement jeté aux ténèbres qu'il ne lui reste plus que le soleil, voilà ce que c'est qu'un proscrit." (HUGO, 2008, p. 5, tradução nossa).

24

Disponível

em

<<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k64311939.r=Actes%20et%20paroles%20victor%20hugo?rk=21459;2>>.

Acesso em: 27 fev. 2017.

<sup>25</sup> No original: "J'aime la proscription, j'aime l'exil, j'aime mon galetas de la grande place, j'aime la pauvreté, j'aime l'adversité, j'aime tout ce que je souffre pour la liberté, pour la patrie et pour le droit; j'ai la consicence joyeuse; mais c'est toujours une chose douloureuse de marcher sur la terre étrangère." (HUGO, 1972, p. 277).

<sup>26</sup> No original: "Quel dommage que je n'aie pas été exilé plus tôt! J'aurais fait bien des choses pour lesquelles je sens que le temps va me manquer." (HUGO, 1972, p. 349).

<sup>27</sup> No original, lê-se: "Vous me payez en une heure vingt ans d'exil" (HUGO, 1972, p. 554).

<sup>28</sup> Disponível em <<http://groupugo.div.jussieu.fr/Groupugo/01-10-20rosa.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

## REFERÊNCIAS

BROMBERT, Victor. *Victor Hugo and the Visionary Novel*. Londres: Harvard University Press, 1984.

CHARLES-WURTZ, Ludmila; CHARLES, David. Hugo entre *Légende* et *Chansons*, la sortie du peuple de sa minorité poétique. In: *Pour une esthétique de la littérature mineure*, Actes du colloque "Littérature majeure, littérature mineure" (Strasbourg, 16-18 janvier 1997), réunis et présentés par Luc Fraisse, Honoré Champion, coll. "Varia", 2000.

HUGO, Victor. *Les Chansons des Rues et des Bois*. Paris: Gallimard, 1982.

\_\_\_\_\_. *Les Châtiments*. Paris: Librairie Générale Française, 1998.

\_\_\_\_\_. *Les Contemplations*. Paris: Garnier Flammarion, 1995.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres Complètes*. Correspondance. Paris: Club Français du Livre, 1967.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres Complètes*. Poésie II. Paris: Robert Laffont, 1985.

\_\_\_\_\_. *Les Misérables*. Paris: Gallimard, 1967.

\_\_\_\_\_. *Napoléon le Petit*. L'Escalier: Saint Didier, 2013.

\_\_\_\_\_. *Os Miseráveis*. Tradução Regina Célia de Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2014.

\_\_\_\_\_. *Les Travailleurs de la Mer*. Paris: Librairie Générale Française, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os Trabalhadores do Mar*. Tradução Machado de Assis. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. KAHN, Jean-François. *Victor Hugo, un révolutionnaire, suivi de L'Extraordinaire Métamorphose*. Paris: Fayard, 2001.

PAYNE, Howard Clyde; GROSSHANS, Henry. The exiled revolutionaries and the French political police in the 1850's. *The American Historical Review*, Oxford, v. 68, n. 4, p. 954-973, 1963

ROBB, Graham. *Victor Hugo, uma biografia*. Tradução Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2000, trad. Alda Porto.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

STAPFER, Paul. *Victor Hugo à Guernesey. Souvenirs Personnels*. Société Française d'Imprimerie et de Librairie, 1905.